

## PELAS JANELAS DA ESCOLA

*Priscila Rossinetti Rufinoni*

*Subscoordenadora do Projeto PIBID -  
Filosofia UnB*

Em maio de 2016, no auge da crise que envolveu ocupações de escolas por todo o país, a professora de Literatura contemporânea da UnB, Regina Dalcastagnè, escreveu no *mailing* do sindicato dos docentes da universidade:

Sinto-me envergonhada em observar o silêncio de meu sindicato diante do golpe de Estado que está acontecendo no país hoje. [...] convido as/os colegas a refletirem sobre o papel que assumiremos neste momento diante da História. É justo deixarmos meninas e meninos lutando sozinhas/os pela educação pública enquanto nos encastelamos em nossos gabinetes? Não seria hora de parar as aulas e começar a ocupar nossos lugares na defesa da democracia e da educação pública, gratuita, laica e de qualidade?

Seguiram-se, a esse breve e singelo chamado ao debate, uma enxurrada de emails que ora apoiavam, ora criticavam o posicionamento da professora, sempre com a veemência que marca os momentos em que a legitimidade se põe em questão. De um modo ou de outro, saíamos do marasmo em que nos encapsulamos durante os anos de expansão. A expansão universitária fez com que houvesse uma ilusão de estabilidade, de incentivo à ciência, de “internacionalização” brilhante e luminosa da qual sairíamos, nós acadêmicos, lavados do pecado de fazer parte de uma das sociedades mais desiguais do mundo. Como se, de algum modo, por fazermos algo que denominamos abstratamente de “ciências”, estivéssemos já de antemão distantes dos problemas que a base – a sociedade e a escola – nos legaram. Sem esse alicerce forte, flutuando em um limbo elitizado e falsamente internacional, a universidade

fragilizou-se a tal ponto que não tivemos reação. E, suspeito, quando vier o golpe mais pesado, não teremos armas para defender esse espaço tão duramente conquistado por gerações de pesquisadores comprometidos com a ciência a serviço de um projeto, e não apenas solta em uma ficção utópica de um não-lugar neutro, asséptico.

Às escolas, tão duramente criticadas por nós, como se essa fosse a única “unanimidade” que nos une, a elas devemos o protagonismo da ação e do posicionamento. A partir dessa reflexão contextual, pensamos em dar a palavra às escolas, por meio de um dos poucos projetos que nos põem em contato com esse universo: o Projeto de iniciação à docência - PIBID. Olhamos, na ponta dos pés, pela janela desse mundo fechado. E, longe de vermos o ambiente estereotipado da propalada falência do ensino “público” – que requer, então, rápida reforma ou privatização –, enxergamos um lugar diferente, que fala por outros acentos e sotaques, que se mobiliza de outras maneiras; que nos é, assim, estrangeiro, outro, mas não necessariamente um espaço não-científico, não-pensante, não-crítico que devemos a todo custo colonizar. Um lugar que nós estranhamos, sem dúvida, mas que não é amorfo, é eletrizado por campos tensos, por problemas prementes, por soluções móveis.

Os textos reunidos neste pequeno dossiê sobre o Projeto de iniciação à docência têm a forma de relatos e experimentos em sala de aula, cuja reflexão teórica, com ou mesmo contra seus mestres, não quer ser conclusiva ou acadêmica no sentido estrito do termo. No seu sentido “abstrato”, de ideia vazia e balofa, de “utopia” asséptica. Trata-se de discutir, no calor do embate com as dificuldades e demandas, o que foi pensado sobre a docência e a educação por autores como Paulo Freire, Hannah Arendt, Marilena Chauí e Silvio Gallo, entre outros, sem hierarquias ou cânones fixos. Na busca por tornar experiência aquilo que é vivenciado como particularidade no dia a dia de sala de aula, os estudantes vasculham a bibliografia de forma menos canônica que aquela incentivada

nos Departamentos de Filosofia. Essa busca, por um lado, pode muitas vezes parecer abrupta, pouco estruturada, pouco “rigorosa”, mas, por outro, é capaz de fazer viver a letra de cada um dos autores, em fricção constantes com os problemas dos jovens brasileiros e das nossas escolas. Problemas que, no fundo, são os nossos, do país, da filosofia brasileira, da nossa universidade. Temo que só se descubra tal relação quando for tarde demais...

Neste sentido, não se trata de repor de forma estanque e acrítica a velha dicotomia entre prática e teoria, mas de repensá-la em outra síntese, cuja elaboração aberta não deixa de fora nenhum material, nenhum tema como indigno de reflexão. A prática cotidiana, ao abarcar conteúdos e dilemas ainda informes e, portanto, muitas vezes inapreensíveis, pode ser capaz de tornar a teoria não um método vazio e externo aos seus objetos, mas um discurso vivo, pronto a mover-se em direção a novas exposições. As complexidades, os assombros, os lapsos e lacunas que conformam a vida social dos nossos jovens podem vir a ser objeto de reconfigurações conceituais novas, fundamentais para se repensar tanto a escola como sociedade e o país, neste momento de profunda crise projetiva, no qual não se vislumbra nada no horizonte, a não ser normas mercadológicas. Não um re-pensar cumulado de preconceitos e dicotomias repetidas à exaustão – aquela entre prática e teoria é uma das mais renitentes – ; não um re-pensar que é na verdade uma nova embalagem para a inespecificidade conceitual que não se torna reflexiva em nenhum momento, gerando sempre os mesmos “diagnósticos” catastrofista para as mesmas saídas midiáticas e espetaculares, quando não decididamente “privatistas”. Não esse tipo de re-pensar que é um retornar sempre ao mesmo, para que tudo, ao fim e ao cabo, volte a ser o que sempre foi; mas um novo pensar que é rico de possibilidades, que se põe contra si mesmo, contra os processos instituídos, contra os diagnósticos entabulados

por estatísticas prontas, contra as falácias, contra até mesmo os mestres e os saberes sobre a docência.

Nenhum dos textos traz, assim, qualquer conclusão, nem nos leva a um acordo tácito que coroa verdades. Ambos os relatos são tensos, abertos ao contraditório, debatem com autores canônicos sem entretanto convertê-los em clichês da “boa prática” pedagógica ou o que quer que seja. São perguntas, são, nesse sentido, incompletudes, vivências particulares, que querem, do fundo desse cotidiano informe, produzir um trabalho conceitual e histórico acerca do que se vive. Escapamos, eu espero, da velha dicotomia prática/teoria, dos velhos jargões sobre alguma coisa esvaziada, metodológica e sem conteúdo, a que chamávamos “didática”; escapamos a conceitos que, como capas de velhas almofadas, já não têm qualquer estofamento.

O primeiro artigo, sob a coordenação do professor Vinicius, supervisor do Paranoá, e com a participação dos estudantes que atuam com ele, foi escrito especialmente para este número, no qual tencionamos dar espaço às inquietações gestadas nas escolas, cuja atuação tanto nos impressionou (e mesmo mobilizou). O segundo artigo, do expibidiano João Renato Amorim Feitosa, foi apresentado como relatório final para a disciplina Estádio supervisionado 4 em maio de 2016. Escolhemos este artigo, pois trata de reflexão sobre o próprio PIBID.

O Projeto de iniciação à docência da Filosofia UnB surgiu em 2009, pela iniciativa pioneira do Prof. Pedro Erginaldo Gontijo, docente de ensino de filosofia do nosso Departamento. No seu início, a proposta buscou mapear projetos de PIBID em outras universidades e investigar os novos currículos de Licenciatura, naqueles anos de efervescência das universidades por conta da expansão do REUNI. Nos anos subsequentes, já estivemos em 5 escolas do DF, com grupos de cinco estudantes coordenados por um professor do ensino médio, chamado ‘supervisor’. Nesse

## PELAS JANELAS DA ESCOLA

momento de maior expansão, chegamos a ter 30 bolsistas, sendo um dos maiores projetos de PIBID da UnB. Após reconfigurações financeiras e políticas, houve corte de uma das escolas, atuamos agora em 4 localidades do DF: Gama, Guará, Paranoá, Taguatinga e Sobradinho. Tivemos, também, outros subcoordenadores que, junto com o seu idealizador, Pedro Gontijo, imprimiram dinâmicas outras ao grupo, como a Profª. Maria Cecília Pedreira de Almeida e o Prof. Herivelto Pereira de Souza. Os novos coordenadores criaram cronogramas de palestras e debates para tentar integrar ao máximo outros docentes de outras áreas da Filosofia ao PIBID.

Atualmente, coordenam o grupo o Prof. Pedro e eu, Priscila Rufinoni. O projeto tem braços nas escolas citadas, a partir das atividades coordenadas pelos supervisores, e um cronograma de atividades que ocorre sob a nossa direção, na UnB. Não há, entretanto, subordinação quanto à atuação, os professores supervisores propõem e coordenam seus núcleos de forma autônoma, e os debates na universidade correm paralelos, dando suporte crítico, a partir das demandas dos estudantes PIBIDianos.

Claro que essa desvinculação, longe de apenas expor uma autonomia dos agentes, explicita também a velha distância entre os pólos da escola e da universidade. Apesar das fraturas, ainda assim trata-se praticamente da única interação entre os dois mundos. O único modo de nós, acadêmicos, olharmos por esta janela. Um desses momentos de encontro, no qual olhamos para esse duplo desconhecido, deu-se nas mesas redondas sobre o PIBID que ocorreram na 44ª *Semana de Filosofia da UnB*, em 2016. O evento, que tem por intenção ser uma semana de extensão, geralmente versa sobre um tema interno ao debate universitário, no intuito de levar para a comunidade o que se produz nos nossos gabinetes. A mesa citada, com a visita de estudantes de ensino médio e a apresentação dos supervisores e dos alunos de PIBID, fez o

caminho inverso: trouxe, para os docentes da universidade, esse outro no qual muitas vezes nos espelhamos de forma distorcida. Para não esquecer de citar nenhum dos participantes, esta é a lista de escolas e estudantes do PIBID em 2016, muitos dos quais participaram da referida Semana de Filosofia:

CED 03 Guará – supervisor Júlio Cesar Amaro e Silva

Barbará Natália Honorato de Souza  
Iasmin Leiros Sarmiento da Silva  
Dayane Cristina Santos Ferreira  
Felipe Matos Lima Melo  
Maria Clara Rodrigues Rocha  
Lauro Vinicius da Rocha Pacheco

CEM 03 Taguatinga – supervisor Antonio Kubistchek Oliveira Braga

Saulo Fernandes Brito  
Laisla Santos Barros Pereira  
Rafaela Aparecida Silva Lima  
Gabriela Aparecida Silva de Lima  
Michelly Alves Teixeira

CEM 01 Paranoá – supervisor Vinicius Silva de Souza

Luciano Gonçalves de Sousa  
Paula Cristina Moreira Calazães  
Patrick Victor Saldanha de Souza  
Vitória Nara de Freitas Paulo  
Luan Miguel de Araújo

CEM 02 Gama – supervisor Heitor Pereira da Silva

Rafael Augusto de Abreu Sales Nascimento  
Núbia Nunes Batista  
Matheus de Almada Oliveira  
Lucian Rodrigues de Freitas  
Amanda Nunes Freitas

CED 01 Sobradinho – supervisor Jaíne Alves Panta Costa

Maria Bethânia Campos da Silva  
Lucas de Oliveira Ferreira

## PELAS JANELAS DA ESCOLA

Iury Souza Perroni Silva  
Rodrigo Azevedo Cassiano  
Alisson Oliveira da Silva

Na tentativa de coordenar dois mundos, no semestre passado, sob demanda dos estudantes, propusemos oficinas em torno do problema da avaliação. Os resultados e debates estão disponíveis no Blog do projeto, *Paidéia* (<https://projetopaideia.wordpress.com/>) O Blog, aliás, funciona como um memorial das atividades, reunindo relatos, questionamentos e sugestões. É um outro espaço de abertura a questões ainda não de todo formuladas, no qual estudantes e professores postam suas impressões, sem hierarquizar os lugares de fala.

Por fim, não se trata, evidentemente, de instrumentalizar o saber universitário para que este responda às demandas que lhe são externas, em uma visão utilitarista e mercadológica, na qual se une ciência e “mercado de trabalho”, como se este não fosse passível de ser modificado e criticado. Como se “mercado” fosse algo naturalizado, segunda natureza pétrea para a qual tudo deve convergir. Não se trata de naturalizar qualquer ideia de espontaneidade ou de “vida cotidiana”, como se esta também não fosse espaço de tensões histórico-conceituais. Não se trata de reduzir um espaço ao outro, academia e escola. Não se trata, em hipótese alguma, de opor teoria e prática, vida e conceito. Trata-se ao contrário de explicitar a vida a partir de conceitos, de fornecer novos conteúdos para formulações conceituais, novos modos para se entender as demandas, trata-se, em suma, de fazer ciência no melhor sentido do termo, ciência conceitual do concreto, que o expõe, critica e, por fim, busca modificá-lo.